
O Corpo e suas relações: concepções em educação profissional e tecnológica

The body and its relations: conceptions in professional and technological education

El cuerpo y sus relaciones: concepciones en la educación profesional y tecnológica

Faé, Janaína Scopel¹ (Ipê, Rio Grande do Sul, Brasil)ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1900-3880>Sonza, Andréa Poletto² (Bento Gonçalves, RS, Brasil)ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0033-4409>**Resumo**

Neste ensaio propomos três tópicos para análise e reflexão de como o corpo tem sido pensado, visto e apropriado na sociedade atual: corpo e trabalho como essência do homem; dualismos e dicotomias do corpo, trabalho e educação; as concepções de corpo nas relações contemporâneas. O primeiro se refere à construção histórica do corpo em função da sua relação com o trabalho, a essência do homem. A composição do segundo implica uma análise dos muitos dualismos e dicotomias existentes no mundo do trabalho e da educação que refletem numa visão fragmentada do corpo físico/motor e psicológico/cognitivo. Finalmente, o terceiro tópico propõe considerações sobre a apropriação do corpo pelo mercado, mídia e tecnologia, e a percepção que os jovens têm sobre os padrões estabelecidos por estes setores. Ao concluir a análise traçamos algumas breves considerações e possibilidades para a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) neste contexto. É relevante lançar mão dos princípios da concepção de ser humano, sociedade, cultura, ciência, tecnologia, trabalho e educação propostos pelos projetos políticos pedagógicos da EPT, no sentido de uma educação integral. Porque o corpo é a morada dos processos onde se dá a aprendizagem, e carrega nele toda a bagagem de vida do indivíduo.

Palavras-chave: Corpo. Trabalho. Educação. Dicotomias. Percepção corporal.

Abstract

In this article, the authors propose three topics to analyze and reflect on how the body has been thought, seen and appropriated in today's society: body and work as essence of people; dualisms and dichotomies of the body, work and education; body conceptions in contemporary social relationships. The first one refers to the historical construction of the body, according to its relationship with work, the essence of people. The composition of the second one implies an analysis of some dualisms and dichotomies existing in the world of work and education, that reflect on a fragmented view of the physical / motor and psychological / cognitive body. Finally, the third one proposes general considerations about the body appropriation by the capitalist market, media and technology, and the perception that young people have about the body patterns that have been established by these sectors. At the end of the analysis, we describe some brief considerations and possibilities for the Professional and Technological Education (PTE) in this context. It's relevant using the conceptual principles of the human being, society, culture, science, technology, work and education proposed by PTE's pedagogical political projects, in the sense of integral education. Because the body is the home of the processes where learning takes place, and it carries itself all the human experiences.

¹ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica no IFRS campus Porto Alegre. Atua como professora de Educação Física no Ensino Fundamental da rede municipal de ensino de Ipê - RS.

² Assessora de Ações Inclusivas do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS). Doutora em Informática na Educação (Linha de Pesquisa: Informática na Educação Especial) pela UFRS.

Keywords: Body. Work. Education. Dichotomies. Body perception.

Resumen

En este ensayo, proponemos tres temas para el análisis y la reflexión sobre cómo se ha pensado, visto y apropiado el cuerpo en la sociedad actual: el cuerpo y el trabajo como la esencia del hombre; dualismos y dicotomías del cuerpo, trabajo y educación; las concepciones del cuerpo en las relaciones contemporáneas. El primero se refiere a la construcción histórica del cuerpo en términos de su relación con el trabajo, la esencia del hombre. La composición del segundo implica un análisis de los muchos dualismos y dicotomías existentes en el mundo del trabajo y de la educación que se reflejan en una visión fragmentada del cuerpo físico / motor y psicológico / cognitivo. Finalmente, el tercer tema propone consideraciones sobre la apropiación del cuerpo por el mercado, los medios y la tecnología, y la percepción que tienen los jóvenes sobre los estándares establecidos por estos sectores. Al final del análisis, describimos algunas breves consideraciones y posibilidades para la Educación Vocacional y Tecnológica (EPT) en este contexto. Es relevante hacer uso de los principios de la concepción de ser humano, sociedad, cultura, ciencia, tecnología, trabajo y educación propuestos por los proyectos políticos pedagógicos del EPT, en el sentido de la educación integral. Porque el cuerpo es el hogar de los procesos donde se lleva a cabo el aprendizaje, y lleva todo el equipaje de la vida del individuo.

Palavras-Clave: Cuerpo. Trabajo. Educación. Dicotomías. Percepción del cuerpo.

Introdução

É por meio do corpo que estamos no mundo e nos apropriamos dele. O corpo sente emoções, transmite vontades, toma decisões, explora potencialidades. Corpo que se representa em qualquer lugar, mas aqui, iremos pensá-lo e situá-lo na esfera da educação, no mundo do trabalho e nas relações sociais cotidianas.

Diversos autores e estudos trazem esta temática, que por ser atemporal e intimamente imbricada em conexões biológicas, históricas e sociais, provocam discussões que não se findam, e a Educação Profissional e Tecnológica desponta como terreno fértil para o crescimento destes debates.

O homem é um animal incompleto, influenciado pelos hábitos e costumes de onde está inserido. Ele é um sujeito social, que não pode ser reduzido somente a um corpo físico/biológico (DAOLIO, 1992).

Quando falamos em desenvolvimento do indivíduo, nos referimos à sua totalidade. Por mais que os processos biológicos e fisiológicos de maturação e desenvolvimento sejam cientificamente comprovados, por outro lado, sabe-se que as funções mentais - e por conseguinte, as ações práticas relacionadas a elas - se originam também através dos processos de interação social e cultural. E o corpo é o instrumento pelo qual se dão essas interações.

O movimento corporal acontece em qualquer atividade humana de manipulação simbólica - através do pensar e raciocinar - da mesma maneira que a

maioria dos atos físicos ou musculares dependem de uma ação intelectual (HEROLD JUNIOR, 2006). Neste ponto traçamos nossa primeira relação: o corpo e o trabalho.

Embora o físico e o intelectual interajam em suas finalidades, a caracterização do trabalho como sendo manual ou intelectual ainda é bastante presente. Temos o “trabalhador da fábrica” e o “profissional do escritório”.

É aqui que entendemos um dos papéis da educação, mais precisamente da EPT, na formação humana integral, com base nos princípios da concepção de ser humano, sociedade, cultura, ciência, tecnologia, trabalho e educação. É dar subsídios para os indivíduos desenvolverem a autonomia do agir e do pensar, e participarem de processos de interação, consigo mesmo e com o ambiente em que está inserido ou venha a se inserir - o mundo do trabalho - a fim de transformá-lo conforme as suas necessidades.

Existe um público que carece dessa mediação, e que se posiciona em todos os universos que pretendemos transitar neste texto: educacional, do mundo do trabalho e das relações sociais. O adolescente em idade escolar, que vive momentos de transformações, de tomada de decisões, de dúvidas e incertezas, de processos de aceitação por seus pares, muitas vezes motivados pela diversidade sociocultural e econômica, que afetam diretamente as concepções acerca de si mesmos e dos outros. O jovem precisa estudar, na maioria dos casos trabalhar, e ainda pertencer a determinados grupos.

Assim se justifica a importância de levarmos a temática do corpo para este público, sendo este corpo a ferramenta, o meio de interação entre o ser e o mundo. Porque é nesta fase do desenvolvimento que “eles aprendem definitivamente as técnicas do corpo que conservarão durante toda a sua idade adulta” (MAUSS, 2017, p. 434).

Entre todos os processos de evolução e interação que a humanidade vivenciou e que nós mesmos ajudamos a modificar, chegamos até o cotidiano de nossos tempos. A sociedade da informação, das experiências superficiais que nada nos tocam, do acumular conteúdo e da pouca prática, do sujeito manipulado pela informação. O par corpo/mente talvez não esteja mais conseguindo interações que realmente promovam acréscimos em suas estruturas.

É notável que as concepções de corpo também mudaram, e surgem padrões de corpo rotulados como ideais, com um grande apelo midiático de padrões de beleza e consumo. Assim, surgem alguns questionamentos: que sociedade está representada nos corpos dos brasileiros? Que modelo de corpo tem prestígio perante nossa sociedade? (GOLDENBERG, 2006; 2011).

Hoje discute-se o corpo na mídia, nas conversas informais, de maneira contundente, e é provável que os padrões seguidos não refletem a situação da maioria da população, nem fisicamente, muito menos economicamente.

Por isso, vários estudos foram e estão sendo realizados no país com esta temática, abordando grupos diversos de sujeitos, e ainda assim a maioria deles aponta para uma grande influência da mídia e do mercado sobre as percepções de corpo.

Em um ensaio sobre as técnicas do corpo, Mauss (2017) traz alguns conceitos e apontamentos que corroboram e até mesmo embasam as relações feitas até aqui e que serão discutidas ao longo deste trabalho.

A começar pelo próprio significado da expressão, técnicas do corpo são “as maneiras como os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo” (MAUSS, 2017, p. 421). Desta forma, entendemos que cada sociedade tem seus hábitos próprios. Aliás, o autor utiliza a expressão *habitus*, no sentido de que eles não variam simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios” (p. 425).

Em suma, cada ser é único biológico e culturalmente, carrega consigo códigos e símbolos que são construídos continuamente por meio das inúmeras vivências experimentadas. Ora em qualquer processo de experiências ou interação social, seja como agente ou mero apreciador o indivíduo utiliza seu corpo para expressar-se e abstrair os valores e significados que lhe são convenientes.

Pensar versus agir; o físico em oposição ao psicológico; trabalho manual x trabalho intelectual. São vários os dualismos e dicotomias presentes nas relações de corpo, que estão aí para serem superados. Mauss (2017), quando trata de movimentos do corpo, supõe um enorme aparelho biológico e fisiológico, mas o

considera interdependente do psicológico e se pergunta: “Qual a espessura da roda de engrenagem psicológica?” (p. 441).

E ele mesmo responde, de maneira que conseguimos condensar resumidamente todas as ideias principais, antes de esmiuçarmos cada uma delas:

O que posso vos dizer é que vejo aqui os fatos psicológicos como engrenagens e que não os vejo como causas, exceto nos momentos de criação ou de reforma. Os casos de invenção, de posição de princípios, são raros. Os casos de adaptação são de natureza psicológica individual. Mas geralmente são comandados pela educação, e no mínimo pelas circunstâncias da vida em comum, do convívio. (MAUSS, 2017, p. 442).

Para abordar todas estas questões, passaremos adiante por capítulos que permeiam as relações estabelecidas até aqui. Primeiramente, o corpo como objeto de conhecimento na área da educação, e também ferramenta pela qual o trabalho, essência do homem, se realiza. Também não podemos falar de corpo separado da cognição, e aí surgem as dicotomias que precisamos superar, tanto em se tratando de corpo, como do trabalho e da educação. Por fim, as concepções de corpo e a influência da mídia, do mercado e da tecnologia. O conceito “corpo” será enfatizado e tomado como elemento principal em nossas discussões.

1. Corpo e trabalho como essência do homem

A essência do homem é o trabalho. Uma essência produzida pelos próprios homens e desenvolvida ao longo do tempo num processo histórico. Este trabalho a que se refere Saviani (2007), não é o trabalho assalariado, a mais-valia, mas o ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas.

E é por meio do corpo que realizamos este trabalho, que estamos no mundo e nos apropriamos dele. O corpo é o principal instrumento do homem, o mais natural e provavelmente a melhor ferramenta de que dispõe para exercer suas funções.

Porém não podemos categorizar o corpo como “completamente” natural. É através da apropriação de conhecimentos, comportamentos, atitudes e valores que este corpo se molda para pertencer a determinado contexto cultural, e terminam por transformar até mesmo os fatores biológicos.

Daolio (1995, p. 25) utiliza o termo “inCORPOração” para ratificar a importância desse processo cultural que se instala no corpo do indivíduo. No mesmo

sentido Lefevre e Lefevre (2009) referem-se a esse processo como uma “incompletude necessária” (p. 28), uma relação de consumo obrigatória entre o homem e a natureza a fim de que a humanidade exista.

Ao tratarmos do trabalho como processo pelo qual o homem, ao mesmo tempo, tem suas potencialidades construídas e limitadas, e ao atribuímos a ele o propósito primordial de o homem se reconstruir a todo instante, demonstramos que, entre o corpo físico e biológico e a racionalidade - ou seja, as intenções, ideias e valores - existe uma relação dialética de forte imbricamento (HEROLD JUNIOR, 2012).

Porém o corpo humano, tido como fonte de energia e movimento, ocupava um lugar central nas reflexões do trabalho. Hoje, com as transformações tecnológicas e novas manifestações teóricas, “o *corpo-energia* cedeu espaço ao *corpo-informação*, oscilando a relevância das reflexões sobre o corpo [...]” (HEROLD JUNIOR, 2009, p. 524).

Quando mudam as condições materiais de existência dos homens e as formas como são estabelecidas estas condições - meios de produção, relações de trabalho e de consumo - mudam também as ideias, concepções e conceitos. Não é uma reflexão tão difícil de se fazer!

E o que vivenciamos hoje é que o corpo no trabalho é responsável pela produção de bens e serviços que venham a satisfazer necessidades não obrigatórias do seu próprio corpo, aquelas que lhe são sugeridas e até mesmo impostas.

Nessa linha de pensamento, seguimos com a ideia de Lefevre e Lefevre (2009), que trazem como exemplo, um simples espelho, produzido e difundido pelo homem. Este objeto provoca os sentimentos mais diversos, do prazer ao ódio de si mesmo. Um instrumento confeccionado pelo próprio indivíduo, para atender-lhe, e que acaba estabelecendo normas e padrões para si mesmo.

E quando temos um corpo no trabalho, cujo produto deste é modificar o corpo do outro, como no caso das cirurgias plásticas estéticas? Não estaria aqui se perdendo a essência do homem? Apagando suas marcas e características individuais, para tornar-se mais um corpo-objeto dominado pelo consumo?

Em todas estas análises, vimos que o agir e o pensar sobre algo são indissociáveis, embora às vezes um pareça se sobressair ao outro. A EPT, tendo em

vista a integralidade humana e a atuação direta no panorama do mundo do trabalho, precisa promover o movimento no sentido da ontologia do ser, levando em conta o imbricamento entre corpo, trabalho, aprendizagem e relações sociais emancipatórias.

2. Dualismos e dicotomias do corpo, do trabalho e da educação

Historicamente a dissociação entre corpo e mente foi marcante nos processos de aprendizagem, negando o corpo em detrimento da mente. “Nessa perspectiva, o corpo foi disciplinado e controlado, com o intuito de que o ambiente da aprendizagem intelectual dos conteúdos não fosse ‘perturbado’ ou prejudicado por ações motoras ou morais” (BATISTA; OLIVEIRA; MELO, 2012, p. 239).

Sobre esse ponto, podemos perceber com clareza como a integralidade do ser humano vai perdendo sua essência com o passar do tempo. Quando criança, se aprende brincando. Ao ingressar na educação básica, o lúdico ainda tem algum espaço. No ensino médio, as experiências corporais acabam se limitando às aulas de Educação Física, ainda vista exclusivamente como o componente curricular responsável por movimentar o corpo.

Adentramos a vida adulta e nosso corpo sofre o abandono em função das responsabilidades, do trabalho, e lembramos dele quando vemos na mídia a importância da prática de atividades físicas para a manutenção da saúde, sem ao menos questionarmos o que estamos vendo e o que estamos fazendo para nos mantermos sãos - de corpo e mente.

Uma pesquisa recente procurou analisar a resposta de um programa de exercícios aplicados em pacientes da psiquiatria. Como era de se esperar, os resultados mostraram que a prática de atividade física reduz os sintomas patológicos ligados à saúde mental, à agitação psicomotora e à tensão muscular. Mostrou também melhora no que os autores chamaram de flexibilidade corpo-mente, ou “*Changing Body via Changing Mind*” e vice-versa (TOMASI; GATES; REYNS, 2019, p. 8).

Portanto, melhorar a performance do corpo pela mudança da mente, e da mesma forma, o contrário. Nota-se imprescindível a busca pela manutenção de um equilíbrio, sem dualismo em nossa estrutura física e psíquica.

Em um artigo realizado com o objetivo de promover um diálogo a respeito das reflexões sobre o corpo e a corporeidade elaboradas por Marcel Mauss e Maurice

Merleau-Ponty, os pesquisadores nos mostram que ambos os autores preocuparam-se também em tentar superar a dicotomia entre pensamento e matéria, desde o século passado. É preciso lembrar, porém, que ainda encontramos resquícios desse dualismo e dificuldades para superá-lo (DAOLIO; RIGONI; ROBLE, 2012).

O dualismo existente na concepção de corpo fragmentado se estende da mesma forma ao trabalho e à educação, e fazendo um contraponto, temos autores na atualidade que continuam provocando discussões sobre o tema, com o intuito de promover uma educação e formação unitária.

Conforme Saviani (2007, p. 152) “trabalho e educação são atividades especificamente humanas. Isso significa que, rigorosamente falando, apenas o ser humano trabalha e educa”. Educar é humanizar, e “a educação é ontologia humana como parte decorrente do trabalho humano” (BORGES, 2017, P. 105).

A relação entre trabalho e educação está marcada pelas dualidades estruturais históricas da educação básica e da educação profissional, e do trabalho manual e intelectual. Essa dualidade é descrita por Manacorda (1992, p. 356) como

[...] uma primeira constante da história da educação, uma daquelas constantes que sempre são repropostas, embora sob formas diferentes e peculiares: a separação entre instrução e trabalho, a discriminação entre a instrução para os poucos e o aprendizado do trabalho para muitos, e a definição da instrução institucionalizada como *institutio oratória*, isto é, como formação do governante para a arte da palavra entendida como arte de governar (o ‘dizer’, ao qual se associa a arte das armas, que é o ‘fazer’ dos dominantes).

Moura (2007) traça uma linha do tempo da dualidade na educação e conseqüentemente no trabalho, que se inicia em 1909, quando são criadas as Escolas de Aprendizes Artífices, onde o ensino era estruturado para atender às necessidades da agricultura e da indústria. Nas décadas de 30 e 40 o Ensino Profissionalizante constituído pelos cursos normal, industrial técnico, comercial técnico e agrotécnico, não habilitava para o Ensino Superior, enquanto a Educação Básica no seu 2º ciclo (atual ensino médio), com as variantes científico e clássico, preparava os cidadãos para continuarem seus estudos. A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) promove a equivalência entre o ensino colegial e o ensino profissional. Chega-se então à década de 70, e a reforma no ensino torna a profissionalização obrigatória - de acordo com a opção política do governo, essa mudança facilitaria a

inserção dos estudantes no mercado de trabalho. No final do mesmo período, a profissionalização passa a ser facultativa. Em 1996 a nova LDB trata a educação profissional apenas como modalidade, não fazendo parte da estrutura da educação regular brasileira e consolidando a dualidade educacional.

Ao analisar relações entre corpo, trabalho e inteligência com a mediação do saber tácito, Herold Junior (2009, 2012) faz algumas considerações sobre a divisão entre trabalho manual e intelectual. Entre elas, justifica que com o desenrolar das transformações produtivas, há a tendência de se polarizar corporeidade e inteligência. Entretanto essa dissociação é equivocada, e podemos tomar como exemplo uma indústria, com seus painéis de controle. Nem sempre os indicadores luminosos são suficientes. Os ruídos, os cheiros, o manuseio de válvulas e alavancas também são de grande utilidade. E como eles são percebidos? Através do corpo, estrutura base para que os saberes tácitos e teóricos possam se efetivar.

Ainda no final do século XIX, se apontava a eliminação da oposição entre trabalho manual e intelectual como uma das prerrogativas para uma sociedade mais correta. Dessa forma, cada indivíduo poderia utilizar sua força produtiva, de acordo com suas capacidades, para acrescentar às fontes de riqueza coletiva, independente do estilo do trabalho realizado (MARX, 2012).

Nesse sentido, se educação e trabalho são de natureza humana, se ambos passaram por diversas mudanças e foram afetados pela dualidade estrutural, pelos posicionamentos políticos e estratégias de visibilidade, convém, na EPT, tratarmos de perspectivas de integração entre estes campos, mas não sem antes romper as dualidades existentes em cada um deles.

3. As concepções de corpo nas relações contemporâneas

O corpo, este não pode ser reduzido aos aspectos físico e/ou biológico. Ele é também uma construção cultural, visto que pessoas diferentes utilizam seu corpo de formas diferentes (MAUSS, 2017). O corpo é uma realidade ontológica (MERLEAU-PONTY, 2014).

Nesse sentido, Mauss infere que toda expressão e prática corporal é tradicional, e não natural. Por mais natural que pareça ser um gesto, ele foi construído socialmente, não partiu do próprio fazer do indivíduo.

Por isso o uso do corpo - e não tratamos aqui esse “uso” como se nos referíssemos a um objeto - difere entre os indivíduos. Merleau-Ponty não contraria essa noção de Mauss, mas destaca a dimensão individual do ser biológico onde se dão estas relações.

Há uma grande rede de sentidos e significados que não podem ser desvinculados do corpo físico. Stalybrass (2008) perpassa por várias temáticas em sua obra, mas sempre traz a memória como eixo central. Ora se temos memória, é porque temos um corpo capaz de armazenar as nossas lembranças, transformando-as nestes sentidos e significados que carregamos conosco.

Estes símbolos e códigos, como vimos, são adquiridos durante nossas experiências. Muitos deles internalizamos por nos serem significativos ou afetivos. Outros são impostos, ou aceitamos por conveniência. Assim vamos nos moldando.

Na obra acima citada, que faz alusão a fatos ocorridos no século XIX, o autor narra que Karl Marx, quando se via em situação financeira delicada, penhorava suas roupas. Nesse período, não podia frequentar a biblioteca de Londres, pois as roupas que usava não lhe conferiam status e direito de adentrar. Ao recuperar seu casaco na loja de penhores, voltava à biblioteca para realizar suas pesquisas (STALYBRASS, 2008).

Não por acaso que Marx e Engels em seu *Manifesto do Partido Comunista* (2015), publicado pela primeira vez em 1848, já diziam que “a burguesia cria um mundo à sua imagem” (p. 67). Ou seja, sempre houve e haverá uma elite, uma parcela da população, motivada pelo capitalismo e consumismo desenfreado, que tentará introduzir seus ideais de sociedade.

De que forma? Respondemos a esta pergunta usando as palavras dos mesmos autores: tentará através de vestes extravagantes envolver suas “verdades eternas” (p. 96) para aumentar a venda de sua mercadoria para o público.

E assim, a nossa sociedade contemporânea continua insinuando os modelos que deveríamos usar, e nos bombardeando com informações para doutrinar nossos corpos a alcançar padrões estéticos que são perseguidos como superiores,

necessários, enfim, ideários de sucesso: corpo magro, corpo bonito, corpo forte, entre tantos outros estereótipos.

A mídia e a publicidade se utilizam da ortopedia social, forma de modelar cada indivíduo, seja fisicamente pelas aparências, pelas funções do corpo no trabalho ou como estratégia política e social (CASAQUI; HOFF, 2010).

Esse interesse crescente e permanente, no entanto, é sobre o “corpo-objeto”, voraz consumidor do mercado capitalista, ou seja, o lugar do corpo está reduzido à sua mercadorização, à sua ingestão pelo consumismo e à sua forma de controle e dominação.

Afinal, a quem pertencem nosso corpo e nossa mente? Lefevre e Lefevre (2009) trazem algumas opções: pertencem à ciência/tecnologia e seus operadores cada vez mais especializados no ‘maquinário humano’ e em suas peças; ao próprio indivíduo; ou ao mercado, que domina ambos?

Essa tríade mantém uma forte relação, uma dependência, e é muito tênue o limite em que um acaba interferindo na existência e autoridade do outro. A filosofia do consumo e a urgência de suprir as necessidades - estas nem tão imediatas - passam a mascarar todas as complexas relações do ser humano e revelam o fetichismo existente entre o homem e a mercadoria, e como estes produtos são (im)postos ao indivíduo. Assim, instala-se o modelo vigente de busca aos padrões de “perfeição” a todo custo.

A exacerbação desse desejo da busca incessante e por vezes até desmedida do corpo perfeito, já tem denominação própria: corpolatria, motivada pela mídia e pelo individualismo acentuado que caracteriza a sociedade de consumo (LIMA, 2009). Outro conceito que podemos utilizar para definir essa preocupação exagerada com os cuidados corporais é o de “culto ao corpo”, promovido pela indústria capitalista (RIGONI; NUNES; FONSECA, 2017).

Em uma breve contextualização dos significados do corpo na cultura, Daolio (1995) coloca algumas questões, às quais convém destacar neste trabalho, visto que mesmo passadas mais de duas décadas, continuam atuais, só mudando o contexto histórico e cultural em que nos encontramos. As concepções de beleza são reelaboradas, os padrões corporais são modificados, e a totalidade do ser é deixada para trás.

[...] Como definir um corpo esbelto? Como definir um corpo bonito, ou um corpo atraente, ou um corpo consciente? Como saber se o corpo já chegou ao estágio de liberdade tão sonhado? O que dizer, então, de um corpo feminino flácido, gordo, considerado deselegante nos dias de hoje, mas que era, há não muito tempo, considerado sensual e inspirava pintores renomados? O que dizer do conceito de saúde, associado antigamente a um corpo robusto, até mesmo gordo, e atualmente relacionado a um corpo magro?(...) E o corpo já não tão jovem, sobre o qual são impostos uma série de “consertos” e “reparos” para parecer (não para ser) novo, tais como plásticas, cremes antirugas, dietas rejuvenescedoras, ginásticas, esportes? Quem define esses atributos a respeito do corpo? Quem determina os critérios para se classificar o corpo num ou noutro grupo? (DAOLIO, 1995, p. 24-25).

E com as novas tecnologias, essas ideias de corpo perfeito e receitas milagrosas para obtê-lo se propagam em tamanha velocidade que o sujeito/corpo na maioria das vezes não possui o discernimento para decidir o que realmente é válido diante de tudo o que é posto.

E é esse mesmo o objetivo deste mercado: consumir o público acrítico, alienado e tomado pelo capitalismo. A tecnologia torna-se um importante fabricante de opinião, e por que não dizer, um fabricante de corpos.

Há, nesta situação, o que Silva (2013) conceitua como “embasbacamento”. Atitude de pensamento acrítico em que o ser humano credita na tecnologia o poder de transformar a vida das pessoas. Não se percebe que, embora a tecnologia seja responsável por muitos avanços e benefícios para nossa sociedade, ela gera domínio e exploração.

Somos bastante informados, mas apenas quantitativamente. Não há criticidade. Pelo menos não no sentido de analisar o sentido do uso desta informação, a relevância para a vida individual e coletiva. A crítica aparece como obsessão em opinar, em fazer-se notar ao mostrar que está atento à informação divulgada.

Ao assumir uma postura crítica, chegaremos a um consenso com Souza Filho e Souza (2015, p. 4) de que “é preciso superar a visão do corpo como um objeto moldado pela tecnociência [...] e procurar resgatar os princípios das relações entre o homem, o corpo, a natureza e a cultura.”

Estas relações são aquelas já citadas anteriormente, do homem que utiliza seu corpo para transformar a natureza de acordo com suas necessidades - realizar

trabalho; e do homem que cria sua teia da vida, expressando suas características, qualidades e valores, constituindo-se em cultura.

Ao tratarmos deste resgate de princípios, o termo “consciência corporal” surge como superação da concepção midiática e consumista. Todavia, é regularmente utilizado, pelo senso comum “referindo-se a uma ideia equivocada de que ter consciência do próprio corpo é saber qual é a roupa mais adequada para ele, quais partes dele se pode exibir e quais partes se deve esconder” (RIGONI; NUNES; FONSECA, 2017, p. 140). Desta maneira, o indivíduo continua a refletir no espelho sua imagem sem identificar-se com ela e continua reproduzindo as imposições da sociedade.

Uma parcela da população que acaba sendo bastante persuadida pela ideologização da tecnologia e da mídia consumista são os adolescentes. Esta etapa da vida é um tempo de mudanças corporais integrais, em sua totalidade existencial. Corpo dotado de sensibilidade, razão, percepção, criatividade, afetividade e sociabilidade (BATISTA et al., 2014). Amostra que demanda atenção.

Tomemos como exemplo a rede social Facebook. O público jovem é consumidor ativo das informações ali difundidas, e esta rede sabiamente “utiliza um recurso visual altamente ‘educativo’: a imagem” (RIGONI; NUNES; FONSECA, 2017, p. 130).

A análise de uma imagem, diferente de um texto ou uma reportagem, é praticamente instantânea e as ideias são concebidas sem considerar a finalidade daquela postagem. Essa é uma forma fácil e rápida de propagar modelos, padrões, e de “educar” para um corpo estético e intelectual categorizados como ideais.

Diante da inseparabilidade das questões antropológicas e sociológicas do corpo, e da influência da mídia como um modo privilegiado de governar os corpos numa perspectiva biológica e política, faz-se necessária nos planejamentos de ensino e ementas da EPT, a presença da temática do corpo e suas relações e representações na educação e no mundo do trabalho, além dos valores e princípios culturais que influenciam os padrões corporais.

Considerações Finais

A maneira como o corpo é visto e tratado na sociedade é um tema atemporal para estudos nas mais diversas áreas do conhecimento, porque o corpo é cultura, é um resultado de processos históricos e sociais. Portanto, a qualquer momento em que o interesse por investigá-lo for latente, com certeza não será obsoleto, e sim necessário, já que é conveniente adequar o já concebido ao momento cultural presente.

Nesse contexto, Zanella (2013, p. 174) defende a tese de que “a memória do corpo faz parte do trajeto formativo de cada pessoa, cujas experiências ficam registradas como uma escritura”. Surge então como possibilidade para a Educação Profissional e Tecnológica - que preza por uma educação integral - abordar esta temática, haja visto que o corpo é a morada dos processos onde se dá a aprendizagem, e carrega nele toda a bagagem de vida do indivíduo.

As propostas levantadas por diversos estudos com diferentes grupos sociais e faixas etárias, contemplam programas e intervenções pedagógicas no sentido de destacar a importância de se trabalhar o corpo, rompendo a dicotomia entre o pensar e o agir, e rompendo também com as travas internas, controladas por padrões exteriores. Quem são os donos do corpo? Nós mesmos, a mídia, o mercado, a ciência/tecnologia? Após analisarmos o corpo e o trabalho como essência do homem, fica claro também a necessidade de adotar a conexão entre a corporeidade e as transformações no mundo do trabalho nos discursos pedagógicos da EPT.

Tentativas de responder aos questionamentos no tocante a soberania sobre o nosso corpo, podem ser feitas sob diversos ângulos. Saúde, estética, consumo e individualismo são alguns deles. A ciência define o que é benéfico ou não para a manutenção da saúde, a mídia trata de divulgar os dados, já direcionando ao consumo de produtos para obter resultados satisfatórios. “Modelos perfeitos” de corpo se mostram a todo momento, e novamente a tecnologia e o mercado prontamente fornecem o que é preciso para “aperfeiçoar” o que já nos foi dado como a principal ferramenta de existência. O desejo de estar sempre um degrau acima do outro, leva o ser humano a adotar uma postura subordinada àqueles que lhe vendem a perfeição.

É essencial lembrar que o sujeito inserido no ambiente educacional da EPT, pode já estar entranhado nesse processo de mercadorização do corpo, ou está prestes a ser levado por ele. Logo, é relevante lançar mão dos princípios da

concepção de ser humano, sociedade, cultura, ciência, tecnologia, trabalho e educação propostos pelos projetos políticos pedagógicos da EPT, para evitar que se perca, além da propriedade de si mesmo, a visão da notoriedade e excelência do papel que, reiteramos, ciência, tecnologia trabalho e educação desempenham em nossa sociedade.

Referências

BATISTA, A. P.; OLIVEIRA, I. P. B.; MELO, J. P. Corpo, aprendizagem e cultura do movimento: uma experiência pedagógica com o ensino do conteúdo jogo nas aulas de educação física do IFRN. **Holos**. Natal, Ano 28, v. 6, p. 237-248, 2012.

BATISTA, A. P.; SOUZA FILHO, M.; OLIVEIRA, I. P. B.; SOUZA, H. A. G.; MELO, J. P. Possibilidades e desafios da educação física como componente curricular no processo de expansão regional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN. **Holos**. Natal, Ano 30, v. 4, p. 492-501, 2014.

BORGES, Liliam Faria Porto. Educação, escola e humanização em Marx, Engels e Lukács. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 55, n. 45, p. 101-126, jul/set. 2017.

CASAQUI, Vander; HOFF, Tânia. Imagens do trabalho nos séculos XX e XXI: movimentos do sentido nas representações do corpo associados à esfera produtiva. **Revista Galáxia**. São Paulo, n. 20, p. 44-56, dez. 2010.

DAOLIO, Jocimar. **A representação do trabalho do professor de educação física na escola**: do corpo matéria-prima ao corpo cidadão. 1992. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

_____. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física. **Movimento**. Porto Alegre, Ano 2, n. 2, p. 24-28, jun/1995.

DAOLIO, J.; RIGONI, A. C. C.; ROBLE, O. J. Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty. **Pro-Posições**. Campinas, v. 23, n. 3 (69), p. 179-193, set./dez. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072012000300011&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 05 maio 2020.

GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, jul./dez, 2006.

_____. Gênero, “o Corpo” e “Imitação Prestigiosa” na Cultura Brasileira. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 20, n. 3, p. 543-553, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902011000300002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 13 maio 2020.

HEROLD JUNIOR, Carlos. **As relações entre corpo e trabalho**: contribuição crítica à educação. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

_____. Corpo, inteligência e transformações no mundo do trabalho: reflexões a partir da mediação dos saberes tácitos. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 30, n. 107, p. 515-537, mai./ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n107/11.pdf>. Acesso em: 05 maio 2020.

_____. Corpo no trabalho e corpo pelo trabalho: perspectivas no estudo da corporalidade e da educação no capitalismo contemporâneo. **Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 11-35, mar./jun. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-77462012000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 05 maio 2020.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O corpo e seus senhores**: Homem, mercado e ciência: sujeitos em disputa pela posse do corpo e mente humana. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2009.

LIMA, Marisa Mello de. Mercadorização do corpo, corpolatria e o papel do profissional de educação física. **Estudos**. Goiânia, v. 36, n. 9/10, p. 1061-1071, set./out. 2009.

MANACORDA, M. A. **História da educação**: da Antiguidade aos nossos dias.. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. Tradução José Artur Gianotti e Amando Mora d'Oliveira. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MARX, Karl. **Crítica do programa de Gotha**. Seleção, tradução e notas Rubens Enderle. São paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução, prefácio e notas Edmilson Costa. Apresentação Anníbal Fernandes. 3. ed. São Paulo: EDIPRO, 2015.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Ubu Editora, 2017. v. 2.

MOURA, D. H. Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. **Holos**. Ano 23, v. 2, p. 4-30, 2007.

RIGONI, Ana Carolina, Capellini; NUNES, Felipe Gustavo Barros; FONSECA, Karina das Mercês. O culto ao corpo e suas formas de propagação na rede social Facebook: implicações para a Educação Física Escolar. **Motrivência**. Florianópolis, v. 29, n. esp., p. 126-143, dez. 2017.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000100012. Acesso em 13 maio 2020.

SILVA, G. C. Tecnologia, educação e tecnocentrismo: as contribuições de Álvaro Vieira Pinto. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 94, n. 238, p. 839-857, set./dez. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-66812013000300010&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 13 maio 2020.

SOUZA FILHO, M.; SOUZA, H. A. G. Olhares e reflexões sobre o corpo na cultura contemporânea. **Dialektiké**. Natal, v. 3, n. 2, p. 2-9, 2015.

STALYBRASS, P. **O casaco de Marx**: roupas, memória e dor. Editora Autêntica, 2008.

TOMASI, David; GATES, Sheri; REYNS, Emily. Positive patient response to a structured exercise program delivered in inpatient psychiatry. **Global Advances in Health and Medicine**. V. 8, p. 1-10, 2019. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/2164956119848657>. Acesso em 05 maio. 2020.

ZANELLA, Andrisa Kemel. **Escrituras do corpo biográfico e suas contribuições para a educação**: um estudo a partir do imaginário e da memória. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

Janáina Scopel Faé

Ipê, Rio Grande do Sul, Brasil.

Especialista em Educação Física Escolar. Atualmente, cursando o Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica no IFRS campus Porto Alegre. Atua como professora de Educação Física no Ensino Fundamental da rede municipal de ensino de Ipê - RS.

Email: janafae@yahoo.com.br

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3662842877783595>

Andréa Polleto Souza

Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil.

Doutorado em Informática na Educação (Linha de Pesquisa: Informática na Educação Especial) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como Assessora de Ações Inclusivas do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), tratando de temas relacionados às ações afirmativas, inclusão de pessoas com necessidades educacionais específicas, valorização etnicorracial, questões de gênero e sexualidade. Tem experiência em EAD e na área de Informática na Educação Inclusiva/Especial, atuando principalmente nos seguintes temas: Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas, Desenho Universal, Tecnologia Assistiva, Acessibilidade à Web e Inclusão Sociodigital.

Email: andrea.sonza@ifrs.edu.br

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3125832905320322>

Recebimento: 13/05/2020

Aprovação: 15/06/2020

Q.Code



Editores-Responsáveis

Dr. Enéas de Araújo Arrais Neto, Universidade Federal do Ceará, UFC, Ceará, Brasil

Dr. Sebastien Pesce, Universidade de Orléans, França